

MEMÓRIA DESPOVOADA

Começo o caminho pelo poder das imagens, onde se retém e recria em nós o sentido de algo revisitado, identificável. Ou não. Um princípio de tentação lírica desprende em sensações os vícios que se apossaram do prazer de contemplar.

Os lugares onde voltamos sempre em sonhos têm um sabor de permanência, de pertença e, simultaneamente, trazem-nos o receio tenebroso do seu desaparecimento prematuro ou da simples mudança de configuração. Tudo aliado às memórias doces e terríveis de um universo mágico quase infância. Nas possibilidades deixadas em aberto o passo conseguiu ousar-se. O que ainda não foi experienciado, tocado, o que não se deixou esmorecer em esperança permanece na imensidão do desejo.

É ir. Cair dentro da tinta iluminada e imaginar a vida destas imagens. Penso uma paisagem retorcida, construída pela desconstrução de outra branca e logo de novo construída. Penso o que a sustém, o que faz dela lugar, o que dificulta a identificação com memória alheia ou mesmo pessoal. Uma barreira perceptiva impõe-se ao racional, o que resta é instintivo e aparenta desfazer-se. É um lugar sem memória, despovoado. Insinua-se então o risco de recorrer a sensações entranhadas de outras imagens no interior destas imagens sonhadas. E sinto descansar o olhar nas planícies, como se entre o céu e a terra nada mais existisse senão ar. Nas searas dançantes, na roda viva do vento. Ou na secura total. Com a garganta acesa e o passo barulhento. E vou. Estrada e estrada pela frente. A pequena revolta de deixar para trás o grito inumano, contido nos inúmeros nós do peito, revolta à medida do homem. Penetrar a pouco e pouco nas imagens quase irreais de tão evidentes que são agora a meta. E o princípio.

O que derrota esta cumplicidade? Uma composição inédita, sempre única na sua destreza, na sua textura que a faz estrutura, exige uma outra viagem longe do referente. Um objecto é memória de um pensamento anterior, para que servem então as formas, estas formas? Como se mede o tempo do fazer e refazer? Onde o gesto se demora? Pressente-se o gesto, há portas que se abrem sem aparentar nenhum caminho, recusa-se afinal o evidente. O gesto constrói a minha casa fictícia dentro desta paisagem estrutural. O gesto abriga.

É um jogo perverso o das imagens. Procuramos sempre a nossa projecção nelas, ainda que force o apagamento da memória. Ainda que este não seja o lugar mas um rasto de lugar, uma passagem que contempla o gesto antigo. E torna-se voz de tudo o que foi experimentado e idealizado em pensamentos distantes, como quem retorça uma paisagem: uma paisagem humana apesar de despovoada. De gritos, degenerados e incompletos. Aqui a voz é a das possibilidades, do espaço inacabado, em aberto, que recebe as outras vozes em desejo constante de uma outra coisa. As formas seguram-nos às imagens. E seguram-nos ao tempo da forma, à angústia de termos forma e as nossas mãos criarem formas intemporais... sopros de vida no deserto deste tempo.

Marta Lança

Crítica Literária